

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LOCALIDADE			CÓDIGO DA FICHA			
			MG	01	05	17
			F11	17		
			UF	SÍTIO	LOC.	ANO
				FICHA	NO.	

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO	Quilombos da Serra do Cipó
LOCALIDADE	Comunidade Quilombola Mato do Tição (Matição)
MUNICÍPIO / UF	Jaboticatubas/Minas Gerais

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.



Capela (esq.) e Casa Velha (dir.) (casa de Benjamin de Siqueira e Josefa Basílio dos Santos, ancestrais do Quilombo Matição. Autor Fernanda de Oliveira. 2015.



Tambus sagrados do Quilombo Matição. Autor Fernanda de Oliveira. 2016.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				MG	01	05	17	F11	17
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----



Representação do Quilombo Matição em Colcha de Retalhos feita por quilombolas da comunidade. Autor Fernanda de Oliveira.



Terreiro de Dona Divina onde acontece a Festa de São João no Quilombo Mato do Tição. Autor Fernanda de Oliveira. 2015.

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**.

SÍNTESE

Identificou-se no quilombo as seguintes referências culturais: Festa de São João do Quilombo Mato do Tição, (registrada como patrimônio imaterial do município de Jaboticatubas, em 2010), Reza de São Pedro; Reza de São Benedito; Reza de Santa Cruz; Festa dos Padroeiros; Reza do Mês de Maria; Coroação de Maria; Festa de São João; Candombe de Nossa Senhora do Rosário; Reinado de Nossa Senhora do Rosário; Bando do Judas; Saberes sobre folhas, cipós, flores e raízes (saberes etnobotânicos) do mato e do campo cerrado; Benzeção; Mestres Dante de Siqueira; Divina de Siqueira; Sívio de Siqueira; Sílvia de Siqueira, Isaura de Siqueira, Nilse de Siqueira, João de Ilário; Encomendação das Almas; Bando do Judas; Folia de Reis.

4. DESCRIÇÃO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA**.

4.1. POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

Matição é um quilombo, certificado pela Fundação Cultural Palmares em 2006, com formalização de uma associação quilombola no mesmo ano. A comunidade é situada em uma área rural a quatro quilômetros da sede do município Jaboticatubas. *Jabó*, como moradores gostam de chamar, distancia-se cerca de 70 quilômetros de Belo Horizonte, Minas Gerais, fazendo parte da sua região metropolitana. O município é abrangido pela Serra do Espinhaço e abarca entre 65 e 80 por cento (a estimativa varia entre estes números) da área total do Parque Nacional da Serra do Cipó, região de reconhecida relevância socioambiental, paisagística, cultural e turística.

Em termos de área, Jaboticatubas é o maior município da Região Metropolitana de Belo Horizonte, fazendo fronteira com as cidades de Itabira, Itambé, Pedro Leopoldo, Matozinhos, Baldim, Lagoa Santa, Santa Luzia, Santana do Riacho, Taquaraçu de Minas, e Nova União. Teve origem com a sesmaria doada, em 2 de novembro de 1716, pelo Governador D. Braz Baltasar da Silveira ao Ermitão da Caridade Félix da Costa. A doação dessas terras condicionava-se ao compromisso de servirem para a manutenção da ermida de Macaúbas. Ao redor dessa ermida, construíram as primeiras fazendas de gado. Por volta de 1858 o povoado

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				MG	01	05	17	F11	17
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

já consistia num arraial, nomeado Arraial de Nossa Senhora da Conceição de Macaúbas. Em 1938, o arraial foi promovido e regulamentado como cidade. Como descreve Divina de Siqueira, Jaboticatubas *‘é uma roça mesmo, até hoje; a rua é uma coisinha pouca o resto é roça mermo’*.

O município contava com 17.119 habitantes em 2010, conforme o *censo IBGE* desse ano. Consta que boa parte da economia do município gira em torno de atividades produtivas ligadas à pecuária, monoculturas agrícolas e mineração, além da exploração do turismo – há muitos sítios e chácaras *‘de final de semana’*, pousadas e hospedagens campestres (a sede do município, apesar de não abranger as atrativas cachoeiras da Serra do Cipó, enfoca o turismo de temporadas e finais de semana). Nessa cidade conta-se com uma escola municipal e uma estadual, onde as crianças e jovens do Matição estudam durante a semana, e um hospital público (<http://www.jaboticatubas.com.br/>, e <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jaboticatubas>, acessados em 07 de agosto de 2013.).

Atravessando-se a sede em direção ao distrito de São José da Serra, a cerca de 2 km do centro da cidade, na altura do Bairro Santo Antônio, avista-se uma placa, à esquerda, indicando a ‘Comunidade Quilombola Mato do Tição’ (instalada com apoio da Fundação Cultural Palmares, após seu reconhecimento da autodefinição quilombola).

Matição é uma comunidade de parentes, ligados por consanguinidade e afinidade. Os atuais moradores são, em sua maioria, filhos, netos e bisnetos do casal Benjamin de Siqueira e Josefa Basílio dos Santos: Dante Isaías de Siqueira (90 anos), Divina de Siqueira (82), Silvio de Siqueira (Badu, 79), Sílvia de Siqueira (Bina, 79), Isaura (76), Nilse de Siqueira (68). Vão de *velhos* na altura dos seus 90 anos (como Dante Isaías de Siqueira) a bebês que ainda não completaram um ano de vida. Segundo uma classificação de Marilene Gonçalves dos Santos, atual presidente da associação quilombola de Matição, atualmente na comunidade contam-se 29 residências habitadas por 32 famílias. A *família* (extensa) *Matição* (que inclui os primos, tios, cunhados, sogros, avós, netos) vive em um território físico de cerca de 3 hectares, dividido em partes distribuídas entre cada um dos irmãos Siqueiras – que eram vivos e habitavam Matição na década de 1980, quando conseguiram a regularização fundiária, por direito de usucapião, da área habitada pelos herdeiros da terra de Benjamin, que *tinha uma documentação*.

Cada filho de Benjamin ocupou uma parte de terreno, recortado em trechos paralelos, vizinhos uns dos outros. Cada trecho mede cerca de 20 metros de frente por 120 metros de extensão, aproximadamente. O limite da frente é a Rua Benjamin de Siqueira – estrada de terra; o limite posterior é o Córrego Matição. Na medida em que ocorriam casamentos, ao redor do núcleo familiar mais antigo de cada trecho – que é a casa de um ancião *Siqueira* –, seus descendentes (filhos e netos) foram construindo novas habitações até o esgotamento do espaço disponível, obrigando os últimos que se casaram a buscar moradia em outro lugar.

Até cerca de cinquenta anos atrás, a maioria dos moradores de Matição era de trabalhadores rurais – não exclusivamente nas próprias terras (já que essas foram bastante reduzidas, espoliadas por latifundiários), mas nas grandes fazendas da região, algumas delas remanescentes do período da escravidão, onde seus ancestrais foram escravos. Nessas fazendas, atualmente costumam ser empregados por dia, por tarefa ou empreitada. Essas fazendas e sítios – que chamam de Fazenda das Minhocas, Fazenda de Baixo, Fazenda de Sebastião Fernandes, Fazenda de *Antônio d’Olaia* – são lugares de memória para os *‘velhos’* e marcos territoriais para futura demarcação do quilombo.

Atualmente, poucos homens se ocupam com a agricultura familiar, trabalhando mais em serviços de capina, de vaqueiro, ou como zeladores de sítios, chácaras e fazendas locais. Muitos são pedreiros, *fichados* nas obras para construção de condomínios de luxo que progressivamente se instalam na região, ou trabalham *por dia* ou *por empreitada*.

Atualmente, poucos homens se ocupam com a agricultura familiar, trabalhando mais em serviços de capina, de vaqueiro, ou como zeladores de sítios, chácaras e fazendas locais. Muitos são pedreiros, *fichados* nas obras para construção de condomínios de luxo que progressivamente se instalam na região, ou trabalham *por dia* ou *por empreitada*.

Atualmente, poucos homens se ocupam com a agricultura familiar, trabalhando mais em serviços de capina, de vaqueiro, ou como zeladores de sítios, chácaras e fazendas locais. Muitos são pedreiros, *fichados* nas obras para construção de condomínios de luxo que progressivamente se instalam na região, ou trabalham *por dia* ou *por empreitada*.

As mulheres da comunidade são, em maioria, donas de casa. Revezam entre si os cuidados com as crianças e com os mais idosos. Alguns (poucos) desses cuidados são remunerados. Outras trabalham como faxineiras diaristas, ou empregadas em condomínios e hotéis fazenda das proximidades, ou em uma fábrica de costura,

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				MG	01	05	17	F11	17
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

próxima ao quilombo. Algumas geram renda com a fabricação e venda de doces e salgados, dentro e fora da comunidade. Uma é agente de saúde. Outra atuava como professora de um projeto de ensino para jovens e adultos, em 2012.

É recente na história de Matição o aumento do número de alfabetizados (em sua maioria crianças e jovens; e agora também senhores e senhoras envolvidos no projeto supracitado). Praticamente todas as crianças e as mulheres jovens estudam. Há muitas exceções entre os homens. Não há escola local e para tanto contam com o serviço de transporte escolar, em dois períodos do dia, oferecido há cerca de 10 anos.

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

A região em que está inserido o Quilombo Mato do Tição apresenta como clima preponderante o Tropical de Altitude, favorecendo o surgimento de matas de galeria – com vegetação de maior porte, ao longo de cursos d'água e fundos de vales; campos rupestres – com gramíneas diversas e tufo, com destaque para Canelas de Ema, Bromélias, Sempre Vivas, Cactus e orquídeas, vegetação que acontece em terras altas onde a temperatura de inverno chega a 0 grau; e campos cerrados com árvores de pequeno porte e troncos tortuosos, com a presença de espécies típicas mais marcantes como Pau Terra, Quaresmeiras, Ipês, convivendo com a vegetação de campos rupestres. No Quilombo Matição, especificamente, predomina na atualidade pastos de capim braquiária, pequenas porções de mata galeria, ao longo do curso do Córrego Matição e do Córrego Chico Matias, e áreas de campo cerrado. Nas atuais moradias, muitos cultivam hortas, pomares e, em menor proporção, pequenas roças de milho, urucum e mandioca, em áreas pequenas, no entorno das casas. Ao fundo dos terrenos dos Siqueiras corre um estreito córrego, chamado de Córrego do Matição, margeado pelo *mato* que hoje é um remanescente ínfimo da vasta flora que ocupava o lugar – com muitos coqueiros macaúba e importantes *remédios*, conforme eles denominam as espécies vegetais do mato e do campo cerrado que têm agência curativa.

Matição padece de falta de espaço e essa percepção é geral entre os moradores. Até mesmo a capela – espaço usado para funções diversificadas, além das celebrações religiosas – é considerada precária. Os moradores sentem necessidade da construção de um espaço maior e melhor estruturado, embora não haja áreas disponíveis dentro do quilombo na atualidade.

Matição situa-se no vale do Córrego Chico Matias, em região de vegetação típica do bioma Cerrado em transição para Mata Atlântica. A cobertura vegetal é formada por vegetação arbórea de médio e grande porte, além da vegetação arbustiva e do capim braquiária (*Brachiaria decubens*), introduzido largamente na região, como pastagem.

A comunidade conta com fornecimento de energia elétrica, telefonia pública, transporte escolar, atendimento à saúde semanalmente.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	MG	01	05	17	F11	17
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

4.3. MARCOS EDIFICADOS

Do município de referência (**Jaboticatubas**):

Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição: construída em estilo eclético. Pintada de branco acinzentado com detalhes em cinza claro. Possui uma cruz branca no alto de seu telhado em duas águas. Logo abaixo da cruz há um detalhe em alto relevo formando arcos e uma pequena janela para a entrada de luz na igreja. Em sua parte frontal, a igreja possui uma porta em duas folhas com almofadas pintadas em cinza claro e em branco acinzentado. Possui ainda dois balcões entalados em madeira e vidro que se abrem em duas folhas, e entre eles há uma rosácea. A matriz possui duas torres em quatro águas; cada uma delas possui em suas partes laterais e frontais duas pequenas janelas para a entrada de luz nas escadas e uma janela maior em madeira que se abre em duas folhas. Cada torre possui dois alto-falantes. A torre esquerda possui um pequeno relógio. Existem também compoteiras nas laterais da igreja.

Igreja Nossa Senhora do Rosário: A capela foi erguida em 1889. Em 1901 O Pe. Messias, Sacerdote de Paróquia, ampliou a Capela construindo duas torres. Em 1984 a Igreja, já em ruínas, foi reconstruída, mantendo suas características originais.

A Igreja possui duas torres laterais com sinos. No alto de seu telhado central de duas águas há uma cruz. As portas com almofadas abrem-se em duas folhas. Possui duas janelas com vidros que se abrem em guilhotina e duas sacadas entalhadas. A igreja é branca e suas portas e janelas pintadas em um tom azul claro. Possui um altar mor, com imagens de Nossa Senhora do Rosário, São José de Botas, Santa Efigênia, São Benedito, São Geraldo, Santa Cecília e Nossa Senhora da Consolação.

Capela Nossa Senhora das Dores: pequena Capela construída em pau-a-pique, no estilo barroco. Possui telhado em duas águas, com uma pequena cruz em seu alto, uma porta com almofadas em duas folhas. A igreja é amarelada e sua porta e laterais são pintadas de azul escuro com detalhes em azul claro. Atrás da capela está o cemitério Nossa Senhora da Conceição.

Fazenda Cipó Velho: tombada pela municipalidade, possui senzalas e uma capela datada de 1829. O local foi ponto de parada dos tropeiros que iam de Sabará para o Serro. Datação aproximada do século XVIII.

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA**.

5.1. RESUMO

Conforme relata Seu Badu (Silvio de Siqueira, 79 anos), um dos seis irmãos descendentes dos fundadores Benjamin e Josefa, do quilombo Matição, o quilombo tem esse nome porque:

“[...] aqui era mata mesmo. Não tinha caminho não. Então quando os índios... Quando os negros transitavam aí, era de noite e tinha que ter um tição aceso pra balançar, pra achar o caminho pra passar... Então ficou com o nome Mato do Tição. Aqui era tudo mata. Eu ainda, quando eu era muito criancinha, eu ainda alcancei muita árvore grossa aí do tempo dos escravos ainda: peroba, braúna, aroeira, com cada raiz que ia daqui até lá fora! Foi tudo desmatado, tudo arrancado. Acabou tudo!” (Badu, em conversa concedida em 2012. Pesquisa Fernanda de Oliveira).

Matição é um *lugar*, uma *família* e uma *comunidade*. Família e comunidade começaram, mais tarde, no lugar onde já havia a povoação *dominada* pelos antepassados, negros e índios, provedores das terras em que se firmou um território: esse *Matição todo... que antigamente era Tança, Pedro Basílio, Rita: os escravos... Eles ganharam alforria e ficaram aqui. São esses os libertos. Foi por conta deles que libertaram isso tudo.* (Nilse de Siqueira)

A família Matição que é o *cerne* da comunidade começou com o casamento entre Benjamim de Siqueira e Josefa Basílio dos Santos gerando onze filhos, além de dois primeiros, de um casamento anterior de Benjamin considerado o *pé da família toda*, pois antes não havia família, apenas a *povoação de gente* (Nilse).

Os antepassados não tinham família. Era todo mundo desfamiliado, cada um namorava com quem queria. Não tinha casamento. Cada filho era criado num canto, onde tinha melhor condição (Divina de Siqueira). [Vó Rita] *veio do Capão Grosso junto com a mãe dela. A mãe dela se chamava Rita também...só não me lembro Rita de quê...Veio com a Constância irmã dela, com Pedro Basílio, José Basílio...Geraldo... Veio comprada pra fazenda daqui, a Fazenda de Baixo. Foi quando vovó [Rita] chegou de lá pra aqui que ela casou com meu avô que também era escravo de lá da Fazenda de Baixo mesmo. Ele era de Pinhões e veio vendido pra cá antes e [depois] casou com minha avó Rita. Nesse tempo não casava de verdade porque eles eram escravos. Depois que teve a liberdade foi que eles casaram* (Dante Isaías de Siqueira). *Era tribo, coluna como eles falavam...era negro com índio...tudo misturado. Matição era*

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	MG	01	05	17	F11	17
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

encoberto. Em vez de ser família de fulano de tal, não era considerado família, não. Era coluna! Coluna Negra! Então nós identificamos família depois de papai [Benjamin]. Mas [antes] era oca... era tribo, era coluna.... Ninguém falava família de fulano de tal, não! Então nós somos do mato! [Pai] saía com nós e mostrava nós essa região aqui...que foi dominada pelo bisavô dele.... Eu ficava intrigada...e perguntava: 'Pai o que é que é coluna?' Aí ele falava: 'Minha filha...é que não existia moradia'. O povo morava tudo era no mato. Nas ocas. Num tinha separação em família. Tudo era índio. Era um bolo só: dormia junto, comia junto. Aqui era lugar de 'analfabetismo' mesmo! Povo do mato! Agora não... Agora já estão entendendo mais as coisas... Antigamente... chamava na casa aqui todo mundo 'púp' pra dentro, pro fundo do quintal, pra num querer ver gente! Eu mesmo era uma que eu não gostava muito de gente... Olhava de longe... Eu gostava muito era escondida. Até hoje eu não gosto. Tem dia – porque eu já moro aqui dentro do mato – e tem dia que eu preciso ir mais pro mato ainda, pra não ter contato com ninguém! Eu gosto é assim!' (Nilse)

'Da parte de Josefa', os antepassados foram escravos africanos, trocados por animais submetidos a um deslocamento forçado da região da Serra do Cipó, chamada Capão Grosso, para a antiga Fazenda de Baixo, que abrangia o lugar onde formou-se Matição. Tia Tança, sua irmã Rita e outros irmãos foram deslocados traçando um caminho de nova diáspora – depois da africana –, mantendo na memória a ligação de parentesco com o povo do Quilombo do Açude. Tança falava muito [de uma] irmã que ela deixou na Serra do Cipó [de quem] ela sentia muita saudade... Morreu sem ver essa irmã... Porque não sabia o caminho de volta... Não tinha estrada aberta nesse tempo: era um mataréu... Quando abriu a estrada [Tança] já tinha falecido... Ela morreu com 115 anos!!! (Nilse)

Eles vieram de lá de Serra do Cipó pra cá pra trabalhar emprestado – emprestar gente heim? Emprestar gente?! Escravidão!!! Eles vieram de lá todos pra trabalhar na Fazenda de Baixo na terra de Chico Alves. Depois vieram buscar eles, mas eles gostaram mais daí [Fazenda de Baixo] do que de lá. Porque o sinhô era mais bom. Eles não quiseram voltar, não. Esconderam no mato, não quiseram ir (Divina). Redimidos ao final da escravatura, receberam a doação de uma data de alforria à custa de gratidão e da continuidade da prestação de serviços ao ex-senhor, tornado 'patrão'.

Mesmo depois de 'libertado' o povo de Matição continuou trabalhando na Fazenda de Baixo, sob outras modalidades de relação, onde moraram, ainda por muito tempo, vários de seus parentes. O povo da Fazenda de Baixo é o mesmo povo nosso: é conterrâneo. Lá é onde era a senzala. A mesma distância que tem daqui [de Matição] [até] na cidade tem [de] lá [até Matição] (Nilse)

A gente vai pelejando, pelejando, mas o lugar aqui era um lugar muito fraco.... A gente trabalhava na Fazenda de Baixo. Nessa fazenda era um movimento! De serviço de [fabricação] cachaça. De tudo lá. Tinha a Fazenda de Baixo e tinha a Fazenda de Cima... Minha mãe [Josefa] foi criada na Fazenda de Cima [uma parte da Fazenda de Baixo]: quem tomava conta era Henrique Nogueira. Não é pertinho não, mas não é longe, longe, longe também não. Que é lugar que a gente ia todo dia... Todo dia a gente trabalhava lá. Fazia roça do lado de lá, ou lavava roupa numa casa lá. Pertinho da casa onde minha mãe foi criada. Não é longe nem pertinho... Daqui lá é mesmo daqui na rua, mas mais longe um bocadinho. (Divina)

Minha mãe era índia, mas era negra escrava da Serra do Cipó. [Mas] Até que chegou lá na Serra do Cipó eles vieram foi da África...Eles eram escravos.... Depois é que eles foram vendidos de lá [Serra do Cipó] pra aqui...na Fazenda de Baixo. Meu pai veio conhecer [minha mãe] foi aqui na Fazenda de Baixo...(Nilse). Essa Fazenda de Baixo era muito grande! Ia até [onde hoje é a sede de] Jaboticatubas..Tem um capão grande mesmo e tudo era deles... de Chico Alves: Caiana... Um lugar chamado Bicame... Eles eram donos de quase metade do mundo!!! Homem que comprava gente por toda parte. Comprou gente de toda parte depois ficou apertado com eles e teve que repartir a terra pra cada um, pra eles não ficarem à toa. (Dante)

Dante e Divina contam da 'abolição da escravatura' quando os escravos ficaram sem saber o que fazer, sem ter aonde ir, perambulando, sem o quê comer. A mercê da piedade dos fazendeiros que vez ou outra davam comida aos negros. A doação de uma parte de terra, por Chico Alves, ao povo de Josefa, teria sido uma tentativa conveniente de resolução do 'aperto' com esse gentio 'à toa'.

O senhor libertou eles, mas tinha saudades deles, porque precisava deles. Precisava porque fazenda sem trabalhador não tinha jeito de se mexer com nada. Aí eles, que eram acostumados lá... então ele combinou com eles que era para eles continuarem trabalhando lá, que dava para eles um pedaço de terra. Então, eles ficaram trabalhando para ele. (Dante) Quando venceu a forria, venceu a batalha de ser escravo, né. A ocasião da libertação... Eles falavam 'forria'. Venceu o tempo e eles ficaram por aqui... Ficou sem ter aonde ir, ficou lá, ficou lá, ficou lá. Eles não podiam ficar mais na fazenda, tinham que ter casa para ficar cada um no seu lugar... Aí ficou lá na beira de porta do sinhô mesmo... onde eles dormiam. Chico Alves não podia ficar com eles mais porque já era liberado, libertado. Então não podia ficar. Mas ficou lá mesmo. Até que o dono Chico Alves comprou pedaço aqui do lado e pôs eles pra morar. Então Chico Alves comprou aquele pedaço ali – ali desce um córrego. Chico Alves comprou esse pedaço de terra, que vai até a outra grota de lá. Comprou pra colocar a minha avó e os meus tios nessa terra. Deu eles a terra. Mas a pessoa que é escravo, foi escravo, não entende as coisas direito. E aquela terra ali que era dos herdeiros [de quem] era escravo...não tinha documento deles...Então um dono comprou pra lá, comprou a Fazenda de Baixo, comprou o capão lá fora... e aqui eles aproveitaram e montaram na terra (Divina). Porque teve o tempo da miséria, quando libertou os forro. Passou oito anos sem chover. Quando libertou os forro teve miséria demais. Eles tiveram que ir atrás do senhor

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				MG	01	05	17	F11	17
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

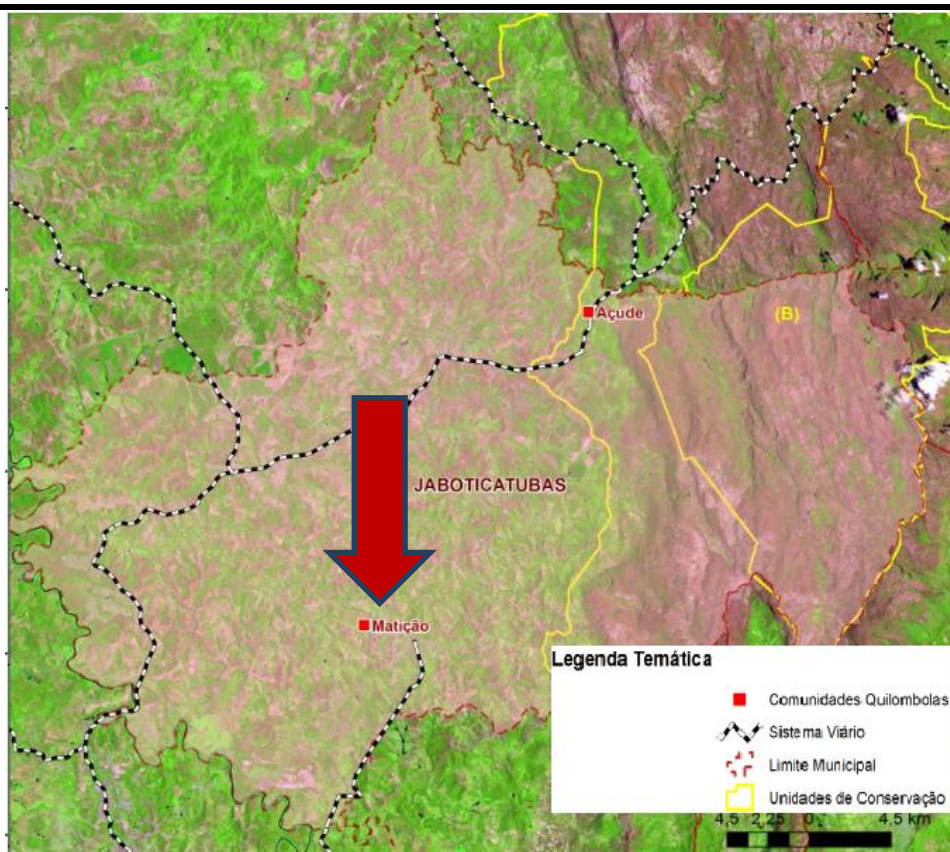
deles pra eles num morrer. Não tinha onde plantar. Não tinha plantação deles...Não tinha o que comer... Eles comiam antes era na fazenda... As comidas de escravo. Depois que venceu a escravidão...como é que eles iam comer? Eles voltaram de novo outra vez pra fazenda do sinhô conseguir o que comer. (Dante) Tia Tança falava "tudéia do olho pelado!" [riso] Ela falava: "Ô isso é do tempo da tudéia do oio pelado!"(Nilse) Era isso mesmo...a miséria que eles passaram!!! Ninguém tinha nada pra comer. Quando libertou... o filhos do senhor falaram com o pai: "Pai esse povo...o senhor libertou eles e ficou dando o que comer. E se eles não são escravos mais agora eles tem que comer por conta própria". Mas eles não tinham nada... não tinham com o quê, a sobrevivência deles. Que eles agora não eram escravos mais... Eles agora tinham de aprender a viver do jeito deles. O filho do senhor disse que se eles não tinham que trabalhar mais... Não tinham que ganhar de comer... que eles tinham que aprender a viver às custas deles. Foi quando eles ficaram passando fome e comendo ramo do mato... Porque eles não tinham uma roça deles... Não tinham terra deles. A terra era dos fazendeiro... os fazendeiro... deu pra eles lugar pra eles plantar. Mas não era tempo de planta. Até que eles fossem plantar pra colher... Eles já tinham morrido tudo de fome. Morriam de fome. (Dante).

5.2. CRONOLOGIA

DATA	EVENTO
Século XIX	Migração de Josefa Basílio dos Santos, Pedro Basílio e Tia Tança da região do Capão Grosso para a Fazenda de Baixo.
Século XIX	Cessão de uma parcela das terras da Fazenda de Baixo para irmãos Basílio e Tia Tança, após a abolição oficial da escravatura.
05-09-1890	Nascimento de Benjamin José de Siqueira fundador da comunidade
1967	Ano de falecimento de Benjamin José de Siqueira
18-01-2006	Formalização da Associação Quilombola do Matição
10-05-2006	Certificação da Comunidade Quilombola pela Fundação Cultural Palmares
2008	Seleção da comunidade como Ponto de Cultura – Programa Cultura Viva do Ministério da Cultura do Governo Federal.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE**MG****01****05****17****F11****17****6. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS**

Fig 4 - Representação feita pelos moradores do Matição, proposta pela professora quilombola Adriana: futuro, presente e passado da comunidade. (2012)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE**MG****01****05****17****F11****17**

Localização da Comunidade Quilombola Matição no município de Jaboticatubas/MG (no mapa também observa-se a C. Q. Açude). Mapa elaborado por Jaqueline Nascimento.

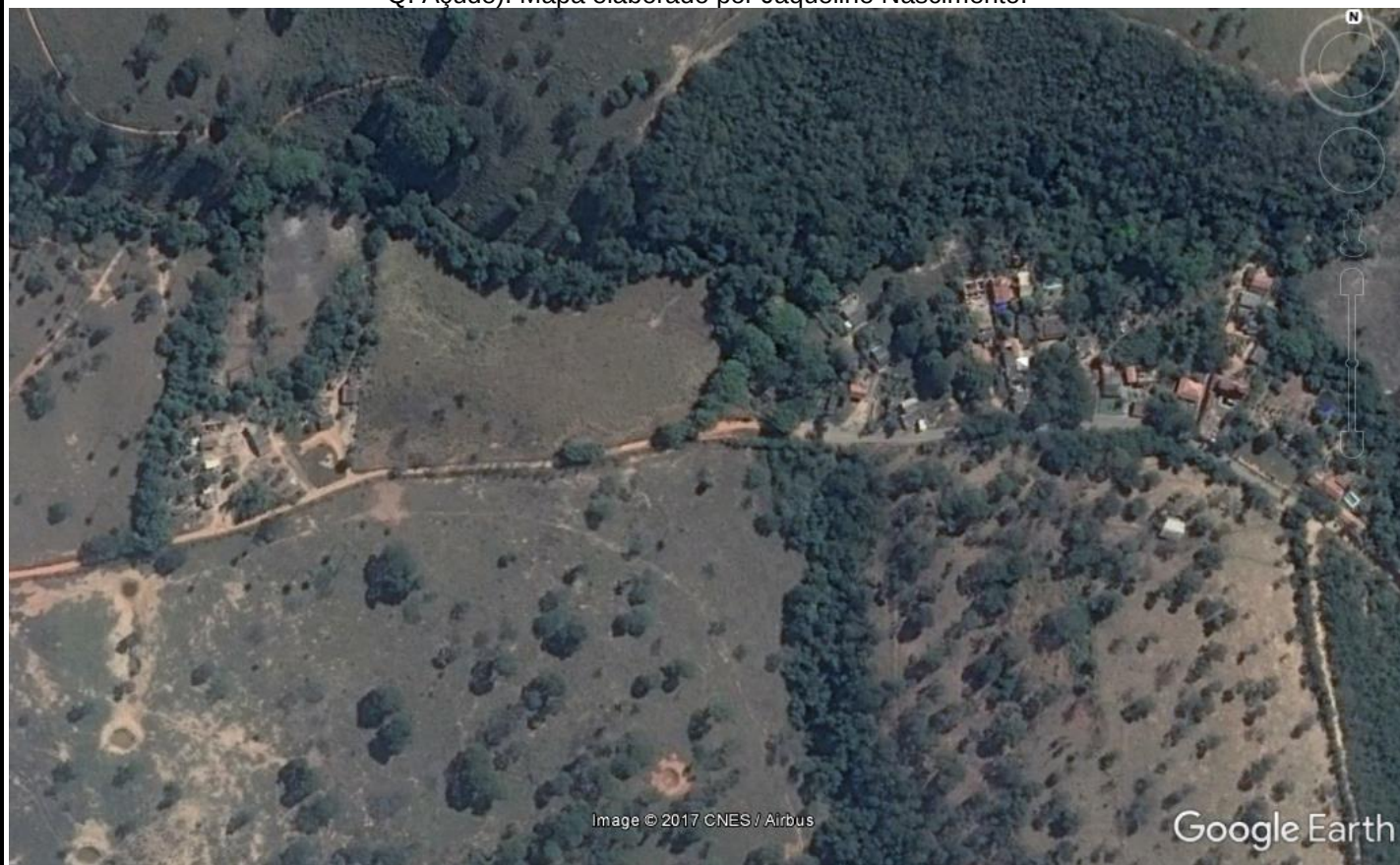


Imagem área da Comunidade Quilombola Matição. Google Earth. Janeiro/2017

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	MG	01	05	17	F11	17
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

7. LEGISLAÇÃO

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL E PATRIMONIAL E DE PLANEJAMENTO
Decreto municipal nº 1.094 de 30 de dezembro de 2010 dispõe sobre o registro da Festa de São João em âmbito municipal.

8. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

8.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES
--

8.2. RECOMENDAÇÕES
--

9. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: VER *ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA*

ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	Sim
ANEXO 4: CONTATOS	Sim
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	Sim

10. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	Ana Tereza Faria e Fernanda de Oliveira		
SUPERVISOR	Ana Tereza Faria e Fernanda de Oliveira		
REDATOR	Ana Tereza Faria e Fernanda de Oliveira		DATA 04/07/2017
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	CAMPO – Cultura, Meio Ambiente e Patrimônio		